

Associação Brasileira de Educação Médica
Série de relatos: "Educação médica em tempos de pandemia"

Alan Avila Fliegel

Acadêmico do 2º ano de Medicina da Universidade Católica de Pelotas

alanfliegel@outlook.com

A luz ingênua de uma lamparina

Como estudantes do primeiro ano do curso de Medicina da UCPel, nossa jornada começou como deveria começar: no dia da aguardada matrícula. Assinar papéis e ver que tudo está acontecendo diante de nossos olhos é uma experiência única. De uma hora para outra todas as nossas expectativas e anseios dão mais um passo em relação ao futuro, e aquilo que era apenas um devaneio passa a se tornar um pouco mais real. Sim, um pouco mais real porque, praticamente no mesmo dia em que isso acontecia, no outro lado do mundo um vírus começava a maior pandemia do século, e nós, como a luz ingênua de uma lamparina, não fazíamos ideia da escuridão que estava prestes a nos engolir.

Tivemos praticamente um mês de aula, não tivemos tempo de fazer amizades ou sequer saber o nome de todos os colegas de módulo e, em uma sexta-feira 13, fomos informados de que as aulas seriam suspensas por duas semanas. Duas semanas não pareciam muita coisa. Seguimos nossas atividades de maneira remota, assistindo aulas on-line, resolvendo exercícios e tirando dúvidas por e-mail... Não parecia tão ruim, eram apenas duas semanas. Até que as duas semanas se transformaram em um mês e o mês em um semestre inteiro. E quanto mais tempo passava, mais perto estávamos do começo.

Um ano inteiro se passou, e – como aquela luz ingênua de uma lamparina – alguns de nós ainda se perguntam quando ela passará, mas não será hora de nos perguntarmos quando ela começará? Logo no começo das atividades remotas ficou evidente que nós, como alunos, precisávamos agir para minimizar os efeitos do que estava acontecendo. Nos organizamos e dividimos temas a serem discutidos em reuniões on-line, de forma a contemplar o que nos parecia mais relevante do conteúdo. Tirávamos dúvidas uns com os outros e só levávamos para os professores aquilo que nós mesmos não encontrávamos em nossas pesquisas. Aproveitávamos essas reuniões para nos distrair também, falávamos sobre séries, comida e qualquer assunto sem sentido que pudesse surgir no meio de um churrasco para o deleite da nossa saúde mental.

Essa nova rotina nos fez perceber o quanto algumas cadeiras aparentemente funcionam melhor nesse modelo. Matérias mais conteudistas que envolvem mais a teoria do que a prática não pareceram tão prejudicadas quanto a

Associação Brasileira de Educação Médica
Série de relatos: “Educação médica em tempos de pandemia”

anatomia, por exemplo. Aliás, a anatomia em condições normais já parece assustadora à primeira vista, mas anatomia “à nenhuma vista” nos deixou extremamente confusos e frustrados. Ir ao laboratório e manusear as peças anatômicas e os cadáveres é parte crucial desse aprendizado. Algumas alternativas foram testadas como o uso de plataformas e aplicativos 3D por parte de nosso professor, que já fazia todo o planejamento da aula tendo como base o uso de tais plataformas. Isso ajudou bastante com a nossa adaptação e permitiu que usássemos tais ferramentas com mais facilidade durante a rotina de estudos.

Obviamente isso não substituiu o manuseio das peças e isso será recuperado assim que possível, mas certamente foi possível antecipar muitas coisas a respeito da localização e da topografia das estruturas, bem como sua relação com o todo. Aliás, foi possível reconhecer algumas vantagens desse método em relação ao método tradicional. É normal que, dado o custo e a dificuldade de se renovar os cadáveres nos laboratórios de morfofisiologia, muitas das estruturas estejam danificadas e até mesmo ausentes pela idade das peças. Nesse sentido, os aplicativos fornecem uma solução rápida e prática para se visualizar as estruturas de forma contínua e por qualquer ângulo que seja necessário, o que seria mais difícil e demorado em uma bibliografia de mil páginas, por exemplo. A dinâmica proporcionada por esse método é um diferencial extremamente relevante e é difícil imaginar um futuro em que ele não esteja presente como um dos principais meios de auxiliar o estudo anatômico.

Pensar sobre o que continuaria e o que não continuaria na nossa rotina de estudos no mundo pós-pandemia talvez reflita um dos principais erros cometidos por todos nós desde o começo. Muita coisa foi presumida de forma equivocada e o fato de termos lidado – e continuarmos lidando – com o problema como se ele fosse previsível, nos tornou descuidados. Adotamos soluções temporárias para tapar buracos temporários sem saber quanto tempo durariam os nossos problemas. Pensamos em soluções emergenciais admitindo que talvez sejam insuficientes pautando-as numa filosofia do “logo passa”, uma espécie de panaceia didática do autoperdão: “podemos sacrificar um pouco agora porque logo será recuperado”. Será? É assim que devemos pensar?

Nós não seremos profissionais temporários, seremos permanentes. Se o que está acontecendo no mundo deixará marcas na nossa formação, que seja por uma completa impossibilidade técnica e não por uma solução precitada. Nunca tivemos uma oportunidade de testar tantos métodos inovadores e de quebrar tantos paradigmas no ensino tradicional, e todo esse esforço não pode ser temporário, não podemos condenar todos os que passaram por isso à exceção. Tudo aquilo que funciona melhor, ou pelo menos igual, deve ser mantido independentemente do que estiver por vir. Depois de tudo isso, não podemos nos dar ao luxo de querer que tudo volte a ser como era antes, isso é muito pouco, nossa obrigação é criar algo melhor para o futuro e não para o semestre que vem.

Associação Brasileira de Educação Médica
Série de relatos: “Educação médica em tempos de pandemia”

Essa é a lanterna que nos foi dada. E se tanta novidade nos assusta a ponto de não enxergarmos para onde ir, é sempre bom lembrar que a escuridão nunca foi novidade, ela sempre esteve aqui.

Recebido: 31 de dezembro de 2020.

